

MANUSCRITOS CULINÁRIOS CONVENTUAIS: CAMINHOS DO ESQUECIMENTO

Alessandra Gomes Coutinho Ferreira (UEPB) alessandragcferreira@gmail.com¹
Beliza Áurea de Arruda Mello (UEPB) beliza.aurea@gmail.com²

Resumo

O arquivo gastronômico – coletânea de manuscritos culinários - de freiras residentes em João Pessoa é uma forma de preservar a memória das tradições culinárias contra a não-memorização, o esquecimento. A partir dos inventários e descrições das receitas que compõem esses manuscritos culinários realiza-se a análise dos manuscritos e revela-se os gostos, os pensamentos e o universo simbólico das freiras durante o século XX. Os manuscritos culinários são fontes inesgotáveis de memória. O objetivo deste trabalho é revelar a memória das freiras a partir de seus registros de cozinha, compreendidos como arquivos imperfeitos de acordo com os estudos de Colombo (1991) e dos conceitos de memória e esquecimento de Ricoeur (2007), Halbwachs (2004), Ferreira (2003). O registro das receitas culinárias faz parte da memória oral da cidade de João Pessoa e a leitura destes fragmentos textuais – coleções de receitas – indicam uma tradição, isto é, estes textos devem ser continuamente transmitidos. Os registros das receitas apontam a função primordial a ser observada: a tentativa de lutar contra um possível esquecimento e garantir a permanência da tradição dos segredos de cozinha. Os manuscritos culinários das freiras são assim, testemunhos não só da culinária local, mas também da memória das missionárias religiosas; logo suas receitas se configuram como signos- lembranças. É o esquecimento quem determina a memória e sua função simbólica direciona-se concomitantemente ao desaparecimento e ao retorno das lembranças.

Palavras-chave: Manuscritos Culinários Conventuais. Memória. Esquecimento.

1 Introdução

O estudo da Arquivologia como uma área de conhecimento analisa através de conceitos e métodos como documentos preservados em arquivos pode transformar uma sociedade por meio de informações produtoras de conhecimento social. Esta ciência apresenta como objeto de pesquisa: a informação pública e privada, individual e coletiva, entre outras; logo, constitui a manutenção e a preservação das memórias individuais e coletivas. É uma área interdisciplinar por natureza em que se ressignifica a memória da comunidade, das instituições e do país difundindo a cultura e immortalizando a História.

Por possuir um campo de trabalho muito amplo - arquivos públicos, privados e pessoais - pretende-se analisar os manuscritos culinários de freiras residentes em João Pessoa durante o século XX. Estes manuscritos culinários são compreendidos como arquivos de receitas culinárias da cidade e faz parte tanto da memória individual das freiras como da memória coletiva das congregações religiosas das quais fazem parte.

¹ Aluna do Mestrado em Linguística da UFPB.

² Orientadora e Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB.

Como forma de manter a memória das tradições culinárias da cidade contra o esquecimento, a preservação da palavra fixada nos manuscritos culinários e a análise das escolhas das receitas permitem que a sociedade lembre de um fragmento velado de seu passado.

A partir dos inventários e descrições das receitas fixadas nos manuscritos culinários, desvela-se a memória das freiras e como essa memória individual e coletiva se constitui e se mantém; eis o objetivo desse estudo. O registro das receitas culinárias faz parte da memória oral da cidade de João Pessoa e a leitura destes fragmentos textuais – coleções de receitas – indicam uma tradição, isto é, estes textos devem ser continuamente transmitidos.

A análise dos manuscritos culinários foi realizada através dos conceitos de memória e esquecimento de Ricoeur (2007), Halbwachs (2004), Ferreira (2003), Gagnebin (2006) e sobre os estudos de Colombo (1991) sobre os arquivos imperfeitos.

Colombo (1991, p. 20) ao refletir sobre o saber arquivístico e suas relações com o tempo e o esquecimento, com a imagem-recordação e com a identidade de quem recorda mostra como esse saber arquivístico está atrelado a memória à qual pertence. O medo do esquecimento faz com que a memória das freiras seja revelada a partir de seus manuscritos de cozinha.

2 Os caminhos do esquecimento

Os estudos sobre o esquecimento são muito diversos. Ricoeur (2007, p. 27) analisa o problema do esquecimento como “o apagamento dos rastros e como falta de ajustamento da imagem presente à impressão deixada”. Segundo ele, é um problema duplamente colocado e para resolvê-lo deve-se retomar a afirmação de Aristóteles de que “a memória é tempo”.

Ao cotejar os manuscritos culinários conventuais depara-se com uma seleção de receitas e, ao mesmo tempo, surge uma inquietude, ao pensar sobre outras receitas culinárias que podiam ter sido registradas e não foram; o que motivou a escolha e o que levou ao “apagamento dos rastros” de outras. Percebe-se nos inventários das receitas dos manuscritos que algumas receitas como - *Pão italiano*, *Pão de queijo*, *Sanduíches delicados*, *Pãosinho de queijo*, *Receita de paozinho* - são recorrentes nos manuscritos culinários de duas congregações religiosas femininas da cidade de João Pessoa, a saber: *Irmãs Missionárias Capuchinhas de São Francisco de Assis* e *Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado*. E receitas como - *Ovos á mineira*, *Ovos com picadinho de carne* - aparecem no manuscrito das

irmãs Capuchinhas e não aparecem no manuscrito das irmãs de Jesus Crucificado. E receitas como - *Cuscus de tapioca*, *Cuscus de berinjela* - aparecem no manuscrito das irmãs de Jesus Crucificado e não aparecem no manuscrito das irmãs Capuchinhas. Esses trajetos do esquecimento nos manuscritos aponta a necessidade de analisar a memória da recorrência das receitas, pois é sob “a autoridade da linguagem comum que é feita a distinção” (RICOEUR, 2007, p. 35). Logo, a marca temporal é promovida a linguagem, lembrando a assertiva de Aristóteles de que “a memória é tempo”, a linguagem associada a memória também é tempo.

Gagnebin (2006, p. 15), descreverá o medo do esquecimento através da “luta para manter a memória e, portanto, para manter a palavra, as histórias, os cantos que ajudam os homens a se lembrarem do passado e, também, a não se esquecerem do futuro”. Com essa assertiva, têm-se os manuscritos culinários das irmãs das congregações supracitadas como a fixação de escrituras que não podem ser esquecidas. Compreende-se essas escrituras das receitas a partir dos estudos de Paul Zumthor (1993) que conceitua a escritura como a fixação de uma voz, isto é, as receitas são vozes femininas “esquecidas”.

Nos mesmo rastro dos pesquisadores supracitados, Ferreira (2003, p. 92) ousou nos seus estudos sobre o esquecimento ao descrever os tipos de esquecimento que ocorrem no universo narrativo da poesia e do conto popular - *o esquecimento profundo e o esquecimento que desliza nas seqüências narrativas*. O esquecimento profundo é “a incapacidade absoluta de lembrar, aquilo que se esgarça, se perde ou por algum motivo se sepulta, não deixando que emerja para a narrativa” (FERREIRA, 2003, p. 92). Enquanto o “esquecimento que desliza, sob os mais diversos pretextos, nas seqüências narrativas”, são “situações em que se mascaram, eufemizam ou simplesmente se omitem fatos ou passagens” (FERREIRA, 2003, p. 92).

Os manuscritos culinários como fixação de vozes femininas são compreendidos como narrativas; não são narrativas lineares, mas são narrativas fragmentadas que contam a história das freiras e num plano mais amplo narram a história das congregações a partir da memória da alimentação.

Há também o caso de, no corpo da própria narratividade, formarem-se núcleos em que lembrar é um fluxo, um processo, uma razão de ser e então o ato de esquecer se faz o pivô daquilo que se desenvolverá, detonando uma série de transformações ou a transformação. (FERREIRA, 2003, p. 92 e 93)

Ferreira (2003, p. 93), chama a atenção para os estudos de Lévi-Strauss sobre “Mito e Esquecimento”. Segundo ela, Lévi-Strauss evoca a força do “motivo do esquecimento” sob dois aspectos “como defeito da comunicação ou como excesso de

comunicação” e este esquecimento só fundamenta interdições e transforma estados de coisas. Pois, segundo Lévi-Strauss “é o esquecimento que vem quebrar uma certa continuidade na ordem mental, sendo responsável pela criação de uma outra ordem (FERREIRA, 2003, p. 94).

A tese de Ferreira (2003, p. 95) é conduzida pela compreensão “do esquecimento enquanto motor do efeito narrativo”. É a partir do esquecimento que a memória é revelada. Nos manuscritos culinários conventuais, receitas como - *bolo bossa nova, creme Ilha do amor, bolo republicano* - comuns durante o mesmo período nos manuscritos de donas de casa residentes em João Pessoa não aparecem. Pondera-se sobre o que motivou o não registro dessas receitas, afinal, os ingredientes são semelhantes as receitas de bolo como - *Colchão de Noiva, Pão-de-ló Econômico, Bolo Eletrico, Bolo de Côco, Bolo de Gerimum* - fixados no manuscrito da congregação das irmãs Capuchinhas. A semântica dos nomes das receitas conduzem a uma leitura que parece entrar em conflito com o perfil ideológico da instituição religiosa. As receitas de bolo das irmãs Jesus Crucificado são ainda mais simples - *Pão de ló, Pé de moleque, Bolo do dia, Bolo de macacheira, Bolo Fanta, Bolo de tapioca de caroço, Bolo de 1 ovo, Bolo Sousa Leão, Bolo de Nescau*.

Nesses manuscritos culinários, percebe-se o segundo tipo de esquecimento - o que desliza, pois, as receitas ora se mascaram, ora se eufemizam ou simplesmente sua semântica designa outros nomes omitindo nomes que não caracterizam o perfil da simplicidade apregoado por uma instituição religiosa. As seleções de receitas que as freiras realizaram têm a ver com os “ínferos”, “nascendo o esquecimento do próprio corpo de conflito. Essas congregações religiosas são vistas como guadiãs da estrutura social ideal, logo são portadoras de numerosos tabus, associados às idéias de sujeira ou pureza contidas.

A essas idéias supracitadas, Ferreira (2003, p. 99) lembra “a gama repressiva e opressiva representada pela família e as variedades de termos usados para designar esta espécie de condenação social: reprovação, repressão, censura. E o objeto atingido pela interdição, termina por gerar o esquecimento”.

O interessante é que ao inventariar as receitas culinárias dos manuscritos, rastrea-se várias versões/variantes de uma mesma receita - *sequilhos de côco, biscoitos saborosos, pudim de leite condensado, rosquinhas de araruta, Pudim de leite, Cequilho de goma, entre outras* - e imagina-se a performance das receitas culinárias pelas irmãs - recriadoras e intérpretes - que fazem desse texto gastronômico uma espécie de virtualidade, “em que o estilo é exercido por muitos diferentes narradores, e onde se realiza a grande unidade de tradição oral, o autor do catálogo nos aponta estórias conexas” (FERREIRA, 2003, p. 112).

Os manuscritos culinários conventuais ao revelarem registros de receitas convergentes e divergentes denotam que é na “conjunção de diferentes registros performáticos, que vai se renovando a capacidade de dizer. O esquecimento mais uma vez, mantém a memória sua extensão e o alcance do dizer. Ferreira (2003, p. 127), ao analisar os contos populares diz

cada realização narrativa inaugura uma nova possibilidade sobre a matriz que se depreende do contínuo textual; cada contador ou recriador enriquece ou mutila (não se podendo perder de vista a interferência de quem transcreve ou edita), inventa ou prepara armadilhas da poética e da memória.

Assim são os manuscritos culinários conventuais, as narrativas fragmentadas das receitas inauguram, cada vez que as receitas são executadas, uma nova possibilidade sobre a matriz na qual se fundamenta seu contínuo; as irmãs das congregações religiosas como autoras das receitas recriam o tempo inteiro ou mutila, inventa ou pode preparar armadilhas que perpetuem a memória dos segredos.

O esquecimento pelo desapego de um grupo é analisado por Maurice Halbwachs (2004, p. 31). Ele diz que para recordar uma lembrança não são necessárias as testemunhas, no sentido comum do termo. Pois, uma ou várias pessoas, “reunindo suas lembranças”, podem descrever “exatamente os fatos ou os objetos que vimos ao mesmo tempo que as testemunhas, e mesmo reconstituir toda a seqüência de nossos atos e de nossas palavras dentro das circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de tudo aquilo”. Os manuscritos culinários conventuais são a imagem do passado; é do conjunto das receitas que se parte. Esquecer estas receitas analisadas é perder o contato com as antecessoras que conduziram com maestria uma vida regrada de ensinamentos e abstinências.

3 Esquecimento e Arquivos

Relação essencial contra a possibilidade da perda da lembrança.

Fausto Colombo em seu livro *Os arquivos imperfeitos*, considera a memória eletrônica (televisão, cinema, internet) como imperfeitos arquivos de uma sociedade midiaticizada.

O material preservado pela memória consiste naquilo que não pode e nem deve ser esquecido porque são reveladores de ensinamentos e tradições. Nos manuscritos culinários conventuais observa-se conteúdos que preservam as identidades religiosas femininas pertencentes a segunda metade do século XX.

Por não ser uma narrativa linear, esses manuscritos culinários são textos fragmentados e constituem-se como textos narrativos por revelarem a história das freiras das congregações religiosas feminina. O registro das receitas culinárias faz parte da memória oral da cidade de João Pessoa e a leitura destes fragmentos textuais indicam uma tradição, isto é, estes textos devem ser continuamente transmitidos.

O esquecimento para Colombo (1991, p. 89) é um fenômeno muito complexo e para uma maior compreensão distingue dois aspectos essenciais. O primeiro aspecto é a escolha do material a ser traduzido em lembrança: receitas culinárias de **bolos** – *Bolo de fubá, Bôlo de fubá, Bolo branco de carimã, Pão-de-ló de laranja, Bolo de batata-doce, Bôlo sem ovos (mole), Rocambole de chocolate* -, **doces** – *Banana nevada, Suspiros dourados, Beijos de freira, Grude* -. Se as freiras residentes em João Pessoa na segunda metade do século XX e autoras dos manuscritos culinários analisados registraram receitas, a função primordial a ser observada é a tentativa de lutar contra um possível esquecimento, isto é, a garantia de permanência da tradição culinária. Seus manuscritos são testemunhos de receitas deliciosas e configuram-se como signos-lembranças.

O segundo aspecto é a permanência da lembrança no seu “lugar” mental ou físico. Colombo (1991, p. 89) diz que este aspecto está relacionado aos dois tipos de memória: a memória a curto prazo e a memória a longo prazo. A primeira revela que o material selecionado possui uma dupla direção – o material pode ser direcionado a memória a longo prazo; ou pode ser deixado de lado até ser esquecido. E a segunda indica que o material selecionado tem uma direção tripla – o material pode ser chamado novamente à memória a curto prazo; ele pode ser conservado sem ser utilizado e pode também ser esquecido. Como a memória a longo prazo apresenta uma direção a mais – as lembranças podem ser conservadas sem serem utilizadas – a possibilidade de esquecimento está mais centrada na memória a curto prazo. A partir dos inventários das receitas dos manuscritos culinários percebe-se uma infinidade de receitas de bolos, carnes, frutos do mar, sobremesas, doces, cremes, pudins etc.

Há receitas que transcendem a linha do tempo e são reconhecidas como atuais como – *carne grelhada, raviólis, soufflé de bacalhau, empadas de camarão, pasteis de nata, doce de banana, bolo baêta, bolo de ameixa*, – e outras as quais o reconhecimento só se concretizará mediante a explicação de um indivíduo que lembre o significado dos pratos no período histórico em questão, caso as receitas não tenham transcendido a linha do tempo e faça referência apenas a época sinalizada pelos manuscritos. Pratos como – *peru a Califórnia, leque das plumas (arroz), camarão futurista, lagosta ao termidor, pudim Getulio Vargas*,

pavê diplomata, espera marido, bolo da crise, bolo Santos Dumond, bolo americano, bolo amarra marido, melindres, mulatinhos, ovos à imperatriz, quindim Sinhara, bolo aliado, biscoitos granfinos, biscoitos Floriano, biscoitos Sinhá, biscoitos russos, pudim imperial, sôpa preguiça de mulher, bolo magistoso -, podem ser incompreensíveis para pessoas que não viveram à época em que estas receitas foram saboreadas e permanecem apenas na memória de quem viveu ou conheceu as pessoas que vivenciaram os últimos cinquenta anos do século XX.

Dessa forma, o esquecimento é o elemento que determina a memória. A partir destas reflexões sobre o funcionamento da memória a longo prazo, é importante ressaltar como a psicologia formulou hipóteses explicativas em relação a este campo do esquecimento. Em primeiro lugar, o esquecimento seria um cancelamento progressivo da lembrança provocado pela ação do tempo; e em segundo lugar, o esquecimento seria um ocultamento causado pelo acúmulo de lembranças posteriores que se sobrepõem ao já memorizado e torna-se impossível de localizar (COLOMBO, 1991, p. 97). Para a psicologia, a memória está mergulhada nas linhas do tempo e no acúmulo sucessivo de experiências vividas. Nos manuscritos culinários conventuais da segunda metade do século XX, há a permanência de receitas ilegíveis devido à ação do tempo – a suavidade da tinta dificultando a leitura, folhas amareladas pela presença de microorganismos (bolor) em algumas folhas e várias deteriorações como rasgões e perfurações - , configurando um problema a esta memória contida nestes manuscritos, pois, não há cópias deles. A ausência de cópias dos manuscritos evidencia a confiança destas freiras habitantes de João Pessoa na duração de seus cadernos de cozinha. E a ação do tempo mostra mais uma vez o esquecimento como o grande eliminador das pistas mnemônicas das formas de pensar destas mulheres contidas em seus manuscritos culinários; e os dados que permanecem representam a luta contra o esquecimento dos gostos e dos comportamentos de mulheres do cotidiano.

Logo, a dupla, esquecimento-memória, apresenta apenas uma aparente oposição, a bem da verdade, são grandezas complementares. É o esquecimento que engendra a memória. Não haveria registros se o medo do esquecimento não existisse. Sua função simbólica direciona-se concomitantemente ao desaparecimento e ao retorno das lembranças. Se as receitas foram preservadas há valores que as tornaram essenciais - testemunhas de um passado, memória feminina urbana - , a busca destes valores definem a importância das receitas culinárias: vozes femininas silenciadas. As receitas não estão mortas, elas falam de um tempo que passou e que está articulado a um presente eterno que é a escritura – marca do

não esquecimento. Seu significado mágico evidencia-se com o passar do tempo pois são vozes que ultrapassam a palavra, vozes plenas de histórias com palavras que se enunciam como lembranças, memória de linguagem impensável sem a escritura.

4 Considerações Finais

A relação entre a decifração dos rastros do esquecimento e do fio da narrativa fragmentada das receitas culinárias permitiu a apreensão do inimigo - os caminhos do esquecimento. De acordo com Ginzburg (2007, p. 14) a função dos historiadores e daqueles que têm como ofício alguma coisa que “é parte da vida de todos: destrinchar o entrelaçamento de verdadeiro, falso e fictício que é a trama de estar no mundo”.

Nos manuscritos culinários conventuais “percebem-se registros de uma oralidade que fica à espera de outras palavras ou de mais gestos, capazes de dar conta dos projetos narrativos que possam vir a expressar as múltiplas relações de conflito ou prazer, entre quem sabe contar e quem pode escutar, escrever ou ler algo tão forte quanto este conto imemorial” (FERREIRA, 2003, P. 127).

Pode-se afirmar que investigar o passado não significa ressuscitar algo que estava extinto. Através dos caminhos inter cruzados da memória, revive-se o que estava no âmbito do esquecimento, não como era no passado, pois a ação do tempo reintegra o passado que sobrevive em novas formas.

Referências

- COLOMBO, Fausto. *Os arquivos imperfeitos: memória social e cultura eletrônica*. Tradção de Beatriz Borges. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- FERREIRA, Jerusa Pires. *Armadilhas da memória e outros ensaios*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar Escrever Esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- RIQUEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução Alain François et ali. Campinas, SP: editora da Unicamp, 2007.
- ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. Trad. Amalio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São paulo: Companhia das Letras, 1993.